

Para citar esse documento:

JESUS, Lindete Souza de. O corpo negro negado à dança clássica. *Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA*. Salvador: ANDA, 2019. p. 2185-2193.

Anda Associação Nacional de Pesquisadores em Dança
www.portalanda.org.br

O CORPO NEGRO NEGADO À DANÇA CLÁSSICA

Lindete Souza de Jesus (UFBA)ⁱ

RESUMO: Da minha inquietação com a ausência de negros na dança clássica, surge minha pesquisa de mestrado no PPGDança na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Entendendo que enquanto dançarina e jornalista graduada pela Faculdade 2 de Julho e acima de tudo, mulher preta, vivo em um lugar de inquietação e de obrigação com a minha ancestralidade de falar de uma política excludente, que afirma a superioridade de uma raça em detrimento a outra e suas consequências físicas, psicológicas e socioeconômicas, abordo nesse artigo o racismo da dança com o negro na Bahia, com destaque na trajetória artística do bailarino clássico, Luiz Bokanha.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Dança. Corpo negro.

THE BLACK BODY DENIAL OF CLASSICAL DANCE

ABSTRACT: My concern with the absences of black artists in classical dance. My Masters research in PPGDança at the Federal University Of Bahia (UFBA). As a graduate of the University July 2nd. Where I graduated and speech in the behalf of all black women. I live in a place restless and I fell obligated to my ancestors to speak about an exclusionary policy, that one race is superior in detriment of another race. Physically, psychological and economics consequences that I discussed in this article. The racism within the classical dance towards the black community in Bahia. I futher emphasize one particular artist trajectory journey of the classic dance Luiz Bokanha.

KEYWORDS: Racism. Dance. Dark skin.

Salvador, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), é a cidade mais negra do Brasil. Na pesquisa de 2018 o Brasil tinha 19,2 milhões de pessoas que se declararam pretas – 4,7 milhões a mais que 2012 –, o que corresponde a uma alta de 32,2% no período. Assim revela o IBGE em 22 de maio de 2018. Como uma cidade de maioria negra, rejeita o corpo negro na dança clássica e em que medida esse corpo é negado? Minha pesquisa sobre o corpo negro negado a dança clássica, começa a criar corpo a partir da história de vida do bailarino profissional soteropolitano, Luiz Bokanha. O presente artigo tem como objetivo falar do racismo no *ballet* e a necessidade de eliminação deste mal, que mantém privilégios institucionais e estruturais históricos.

Raimundo Bispo dos Santos, conhecido como King, foi o primeiro negro aprovado no vestibular de dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

rompendo a barreira da cor e de gênero. Fato esse, para a época uma vitória para a população negra. Em entrevista concedida a Motta (2009, p. 39), King diz: “são raríssimos os professores negros que tem acesso á posição de docente da Escola de Dança da UFBA”. O racismo ditando lugares, como um elemento estruturante da sociedade brasileira e a partir dele situações tornam-se aceitas e naturalizadas, como esta na Escola de Dança, nos anos 1970 e 1980.

Os poucos negros que conseguiram ingressar na Escola de Dança na década de 1970, eram sempre reprovados nas disciplinas de técnicas corporais, principalmente na técnica do ballet clássico. Os argumentos apresentados pelos professores eram sempre os mesmos e, diziam respeito aos aspectos físicos: esses alunos, seus corpos, não apresentavam características condizentes com a “filosofia” da Escola, por terem pés chatos, quadris largos e uma lordose acentuada. (NÓBREGA, 2007, p. 92)

Descubro Mestre King no sexto andar do prédio do Serviço Social do Comércio (SESC) onde aconteciam as aulas semanais de afro. King dava aulas dessa modalidade que foi precursor, para uma galera de dançarinos, iniciantes ou não, de maioria negra. Era uma dança que interessava aos negros/negras. Os brancos estavam nas academias ou na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que, mesmo sendo um órgão público, só abrigava a elite baiana ou estrangeira.

Segundo Guimarães (2007), o preconceito de cor tem uma longa história entre nós, tendo sido constantemente negado, mas sido também, em contradição gritante, objeto de lei que buscava coibi-lo. Foi também, às vezes, distinguido do preconceito racial, mas ao reconhecer a diferença de cor, se ocultava a de raça. Negação que não convenceu às ciências sociais, mas que foi suficientemente forte para gerar um consenso internacional sobre a nossa democracia racial.

Na tradição da psicologia social, o insulto, a discriminação, a segregação, a violência física e o extermínio são decorrentes do preconceito, ou seja, de valores e atitudes que funcionam como predisposições.

Do SESC saiam grandes profissionais e entre eles, cito o bailarino Luiz Bokanha, sujeito da minha pesquisa, homem negro de porte físico musculoso, bailarino clássico e não só, na época foi assistente do Mestre King, já tendo sido aluno. King para além de professor era arte educador e se sentia parte da família dos seus alunos, era o tipo de professor enérgico, exigente, muito brincalhão, mas

que todos queriam estar por perto. Impossível não falar dele quando se fala de dança e de negros/negras na dança, todos passaram por suas aulas e isso é fato.

Todos nós sofremos positivamente sua influência. Lembro perfeitamente a cada aula que ele terminava, os papos eram sobre vários aspectos da vida e rolava até muito tarde, e os seus ensinamentos, sempre falavam de dança e para dança. Negritude para ele era fazer aulas aprimorando uma técnica ou mais de dança e concluir os estudos obrigatórios para fazer o vestibular e entrar na universidade de dança, para os que queriam seguir carreira de bailarinos. Quando falava dos ex-alunos, as palavras vinham com uma carga de orgulho e felicidade, pois todos passaram pelo SESC, e assim pelas mãos do mestre, na maioria deles, espalhados pela Europa em companhias fazendo turnê, e melhorando de vida seja culturalmente ou financeiramente, para alegria de King.

Na história de vida de King, aos 22 anos decide deixar o emprego certo das lojas *Sloper* pelo que fazia seu coração bater mais forte, a dança. E assim faz vestibular e entra na UFBA, saindo no Jornal Nacional como primeiro homem a fazer vestibular para dança na Bahia e passar. Segundo King, ele nunca sofreu racismo dentro da Escola de Dança, apesar de muitas vezes se sentir um peixe fora d'água, pois sendo o único negro em sala de aula, as *branquinhas*, como ele dizia que falava na época, olhavam demais para ele.

Já com Luiz Bokanha, aos 22 anos, na mesma idade de King, seu primeiro professor de dança, este bailarino escuta de uma diretora de uma escola de *ballet* renomada e de elite da cidade de Salvador, que ao invés de estar ali fazendo aulas de *ballet*, fosse vender limão na feira, já que o perfil era dos vendedores de feira. Vemos aqui, com essa afirmação racista, o quanto o racismo desumaniza e segrega dizendo com todas as letras que para a juventude negra restam dois caminhos, o trabalho precário, ou o crime.

É o racismo colocando a população negra como inferior e determinando o que cada um deve ser e em que lugar deve exercer funções preestabelecidas. É o racismo não nos querendo em lugares de poder. Segundo Franz Fanon (2008),

[...] seríamos reféns da nossa aparição, aprisionados ao nosso corpo melaninado que sempre chega antes de nós, e junto dele, uma torrente de estereótipos. (p. 75)

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificado em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Por exemplo, a cor da pele sendo negra (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna), segundo demonstração de Marcus Eugênio Oliveira Limal e Jorge Vala (LIMA; VALA, 2004, p. 402).

O racismo subtrai a capacidade de ser natural da pessoa negra, nos obriga a estar em estado de alerta sempre, até mesmo em momentos de lazer não nos dão descanso fazendo com que acreditemos que somos o que não somos. Como alguns fatos ocorridos dentro de *shopping centers*, que seguranças seguem e abordam rapazes negros e em alguns casos os põem para fora do estabelecimento, simplesmente por estarem de sandálias havaianas e roupas simples. Aqui cito um desses casos, ocorrido com um amigo de meu filho, colega do Salesiano, escola que estudavam na época em Salvador, publicado no jornal A Tarde (Jornal A Tarde, 24.04.16).

Santos (1980, p. 38) diz que segundo Larousse, o racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros... esta superioridade é uma hipótese científica não provada, apesar dos esforços da ideologia do colonialismo, interessada em justificar a miséria e o atraso dos países subdesenvolvidos. Os cientistas que se empenham em prová-la trabalham com o velho conceito de raça (conjunto de caracteres externos das pessoas). Mesmo que consigam provas conclusivas da superioridade de um grupo racial sobre outros em alguns aspectos, o racismo é injusto, pois a espécie humana é uma coisa só. E continua dizendo:

O racismo não é produto de mentes desequilibradas, como ingenuamente se poderia supor; nem existiu sempre, como tolamente se poderia pensar. (os racistas tem naturalmente interesse em definir o racismo como uma característica da "natureza humana"; como a natureza humana é imutável, o racismo, por conseqüência, jamais desaparecerá.) O racismo é um dos muitos filhos do capital, com a peculiaridade de ter crescido junto com ele. (*Ibid.*, p. 39)

Aos 22 anos o rapaz negro cheio de sonhos e já vítima de uma violência verbal, por conta da sua cor de pele, seu cabelo *Black Power* e a ousadia de ser um bailarino clássico, percebe que o único meio de combater o preconceito racial, era a organização do que queria alcançar e muita luta por seu espaço de profissional capaz com retorno financeiro, pois é claro que para além da cor, o racismo estava também na situação econômica da pessoa negra presente na sociedade. E assim o fez com lágrimas nos olhos, entrou na sala de aula e continuou suas aulas de dança clássica, progredindo a cada dia, superando os obstáculos do seu próprio corpo, deixando que a técnica modelasse seus glúteos salientes, sua coxas de jogador de futebol, seus pés chatos e assim partisse para as audições que viriam em tempo.

Um corpo negro na dança clássica, dançando repertórios, é um corpo político, social e artístico, o corpo do bailarino Luiz Bokanha, nesse caso, levantou uma bandeira com essas três palavrinhas: político, social e artístico, impressas na sua arte, na sua força quando se movimentava, chamando pra si outro olhar. Ali não era uma dança mais bonita ou mais técnica, ali tinha uma carga expressiva muito grande com um significado histórico de guerra pela existência, um corpo político, representando tantos outros que ele carrega em cada músculo que aparece a cada movimento executado em sala de aula ou no palco.

Lendo sobre o bailarino Ismael Ivo, primeiro diretor artístico negro do Ballet da Cidade no Municipal de São Paulo, atualmente no cargo, em entrevista para o site Geledés (2018)¹, disse que no mundo a aceitação de negros/negras na dança se restringe quase que exclusivamente a modalidade contemporânea, pois no *ballet*, as opiniões é que as/os negras/negros não vão *fazer as pontas* como tem que ser feito. Ou seja nosso corpo não é para o *ballet* clássico.

O Brasil possui uma dívida histórica para com as trajetórias de vida dos cidadãos de descendência africana. No fim do século XX segue com a marca das relações informais do trabalho escravo, cujo legado ainda reflete a falta de reconhecimento da história daqueles que passam em silêncio com o avanço da modernidade, da industrialização, da ciência, tecnologia e comunicação. Com

¹ ZAPATA, L.; VASSALO, R. **Ballet Clássico ainda Discrimina Profissionais Negros**. 29 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br>>.

algumas classificações curiosas tipo Roma Negra (BACELAR, 2001) ou a cidade com maior contingente negro fora da África.

A partir de 1970 e 1980 a dança teve uma grande efervescência no cenário artístico baiano com a criação de inúmeros grupos folclóricos em escolas e outras instituições sociais. Minha cidade, Salvador, cheia de ritmos, via surgir uma centena de jovens adolescentes ingressarem em uma carreira que muito seduzia pelo encanto dos movimentos e pela possibilidade de revisão nas relações identitárias.

A partir da iniciativa de professores como Mestre King no Colégio Estadual Severino Vieira e no Serviço Social do Comércio (SESC), gerações de bailarinos e bailarinas tornaram-se expoentes dessa linguagem afrodançada, que hoje carecem ser inseridos nas discussões do campo científico.

Nascido no bairro do Nordeste de Amaralina, em Salvador, Luiz Antonio de Jesus – Luiz Bokanha –, na infância construía seus brinquedos de madeira que encontrava na marcenaria de propriedade do pai e as latas que a mãe, dona de casa, não queria mais. Ele próprio se divertia construindo e deliciando-se com suas invenções de menino. Essa brincadeira antes da era da internet, fez com que Luiz anos depois, descobrisse o lado escultor, que por *hobby* o fez esculpir algumas peças, ligadas à cultura afro, como por exemplo, uma lansã e suas vestes esvoaçantes na madeira. Já na adolescência, o encontro com um amigo querido de nome Ari, do bairro do Pau Miúdo que estudava na Escola Parque, faz com que ele conheça o professor Hamilton, maestro do coral de São Bento, que ali no SESC lecionava aulas de canto coral. Levado para fazer parte das aulas do professor Hamilton se encanta com um grupo de pessoas dançando ao som dos atabaques tocados por Mestre King na sala ao lado, e se identifica de cara com a modalidade.

O toque do atabaque chamou mais a atenção do que as aulas de canto e assim ele decide pedir para fazer parte do grupo de dança do SESC. Ali aprende a tocar com muita velocidade, sempre de olho em aprender a dançar, pois King no momento o queria tocando as aulas e possivelmente o *show* da arena do SESC. Quando já dançarino afro, se apaixona pelo *ballet* clássico a partir do dia que foi levado, sempre pelo amigo Ari, a assistir um bailarino se apresentando no palco do Teatro Castro Alves (TCA), e diz para o amigo, que era essa dança que queria fazer.

Na cidade de São Paulo, anos 1980, Luiz Bokanha já bailarino contratado do Teatro Municipal, demorou em obter um papel no corpo de baile, não por falta de condições técnicas, uma vez que passou pelos trâmites de fazer uma audição, ser aprovado e passar, para logo ser contratado, mas por barreiras impostas pela direção, birras do coreógrafo por ter seus desejos negados. Outro fator do nosso corpo negro, presente em várias situações semelhantes.

A construção do racismo foi baseada também na sexualização de nós negros/negras. Esse é um preconceito presente na nossa sociedade. É importante falarmos que a cor da pele não dá a temperatura do sexo, negros e negras não são mais quentes porque são negros e negras e muito menos o homem negro tem o órgão sexual maior que homem branco.

Relatos no *site BuzzFeed* afirmam sobre a época da escravização, onde o sexo era usado como uma ferramenta de violência e desumanização dos negros escravizados. Por exemplo: se a mulher negra fosse considerada bonita, era comprada e na casa do senhor de engenho recebia *tratamento especial*, o que significava satisfazer os desejos sexuais do seu senhor que reprimidos por suas crenças religiosas, com suas esposas, mulheres brancas, tinham outro comportamento.

Nesse pacote do tal *tratamento especial* eram estupradas, forçadas e forçados a participar de orgias e manter relações sexuais na frente de todos. Para justificar tanta violência, espalhou-se que os negros/negras eram mais sexualizados e assim chegamos ao século XXI ainda com esse pensamento que reforça esse estereótipo sendo mais uma forma de ser racista.

Aqui abro um parêntese para uma história que passei em um teste para um comercial de TV, que fui fazer, como tantos que faço e para minha surpresa, eu não passei pois como era para uma marca de sandália, a câmera filmaria os pés, as pernas, os quadris, costas e ombros, até a modelo ou o modelo virar o rosto para câmera e dizer: *a caminhada é sempre confortável quando eu uso ela....* Segundo o diretor da cena e supervisor da agência, eu não era uma negra de verdade, pois faltava bunda e mais peito. Bom, não era a primeira vez que diziam que eu não era

uma negra de verdade. Mas aí entra a questão do colorismo e essa parte vou deixar para outro artigo ou para a minha dissertação de mestrado, se Deus quiser.

Finalizo com a canção dos compositores, cantores, Ronaldo Bôscoli e Wilson Simonal, *Tributo a Martin Luther King*, lançada no final dos anos 1960, censurada devido ao teor de protesto contra o racismo e lançada mesmo ainda não liberada pela censura, tendo se tornado o maior sucesso, na voz de Wilson Simonal que antes de cantar disse o seguinte:

Essa música eu peço permissão a vocês, porque eu dediquei ao meu filho, esperando que no futuro ele não encontre nunca, aqueles problemas que eu encontrei, e tenho às vezes encontrado, apesar de me chamar Wilson Simonal de Castro².

Esse futuro tão almejado por nós afrodescendentes, tornando-se um árduo caminho a seguir, continua no passado de Simonal, pois à medida que avançamos correntes e correntezas nos puxam para trás, uns voltam no tempo ficando lá e nos olhando, seus irmãos/irmãs por cima das nossas cabeças. Outros se sentem puxados, mas criam uma coragem e força extra comum e seguem avante, como foi claramente o caso do bailarino, Luiz Bokanha, que provou que negro também é bailarino clássico, provou que um pé chato é um pé de meia ponta e entra nas sapatilhas da cor da nossa pele – pois é preciso dizer que, outrora cor da pele eram todas as sapatilhas de cor *rosa* que precisavam ser pintadas com base marrom de maquiagem, para chegar à cor da pele negra.

Tributo a Martin Luther King
Ronaldo Bôscoli e Wilson Simonal

*Sim, sou negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta, sim, luta mais
Que a luta está no fim*

*Cada negro que for
Mais um negro virá
Para lutar com sangue ou não
Com uma canção também se luta, irmão
Ouvir minha voz
Lutar por nós*

*Luta negra demais (luta negra demais)
É lutar pela paz (é lutar pela paz)
Luta negra demais
Para sermos iguais*

² https://pt.wikipedia.org/wiki/Tributo_a_Martin_Luther_King

Para sermos iguais

*Ninguém vai me acorrentar
Enquanto eu puder cantar
Enquanto eu puder sorrir
Enquanto eu puder cantar
Alguém vai ter que me ouvir*

Referências

BACELAR, J. **A Hierarquia das Raças** - Negros e Brancos em Salvador. Ed. Palla, 2001.

BUZZFEED. Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com>>.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito Racial: Modos, Temas e Tempos**. Princeton, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br>.

MOTTA, M. S. T. *Odundê: as origens da resistência negra na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia*. 2009. 118 f. : il. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Escola de Dança, 2009.

NÓBREGA, N. **Agô Alafiju, Odara!** A Presença de Clyde Wesley Morgan na Escola de Dança da UFBA, 1971 -1978. Fundação Pedro Calmon, 2007.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**. 2004.

JORNAL A TARDE. 24/04/2016.

SANTOS, J. R. **O que é Racismo**. Editora Brasiliense, 1985.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Versão em português. **Tributo a Martin Luther King**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tributo_a_Martin_Luther_King>.

ZAPATA, L.; VASSALO, R. **Ballet Clássico ainda Discrimina Profissionais Negros**. 29 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br>>.

ⁱ Mestranda do PPGDança. E-mail: lindetedanca@gmail.com